

## Projovem Adolescente entre controle biopolítico e afirmação da juventude

Ricardo Meneses Miguel<sup>1</sup>  
[ricardommiguel@yahoo.com.br](mailto:ricardommiguel@yahoo.com.br)

Ana Lucia Coelho Heckert<sup>2</sup>  
[anaheckert@uol.com.br](mailto:anaheckert@uol.com.br)

**Resumo:** Este artigo apresenta alguns debates proporcionados a partir de pesquisa realizada, no município de Venda Nova do Imigrante-ES, entre os anos de 2013 e 2014, abordando os efeitos que o Projovem Adolescente tem produzido na vida dos jovens que integraram o serviço e como eles se apropriaram desse espaço. Foram realizadas conversas com jovens que participaram do primeiro coletivo do serviço, no período de 2010/2011, e pesquisa em documentos do Centro de Referência de Assistência Social do município. Traçamos análises para discutir as interferências do biopoder nas políticas para juventude, os atravessamentos histórico-culturais do município e evidenciamos as resistências e escapes dos jovens às tentativas totalizantes de captura de suas vidas.

**Palavras-chave:** Juventude. Políticas Públicas. Biopolítica.

## Teenager Projovem between biopolitical control and youth's affirmation

171

**Abstract:** This article presents some discussions produced in research conducted between the years of 2013 and 2014 about the effects that the Projovem Adolescente in the city of Venda Nova do Imigrante-ES has produced in the lives of young people who integrated the service and how they have appropriated this space. Conversations were held with young people who participated the first collective in the period 2010/2011 and research in documents of the Reference Center of Social Assistance of the municipality. We trace analysis to discuss the biopower interference in youth policies, the historical - cultural crossing in the city and

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

evidenced the resistances and escapes of young people to the attempts of totalizing capture their lives.

**Keywords:** Youth. Public Policy. Biopolitics.

## 1 Introdução

Neste artigo, apresentaremos debates produzidos a partir de pesquisa realizada em Venda Nova do Imigrante, município do interior do Estado do Espírito Santo (ES), com jovens que fizeram parte do serviço socioeducativo Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem Adolescente). As conversas realizadas apontam para o “fio da navalha” que permeia tais políticas, entre o controle dos jovens e a afirmação da juventude e seus movimentos.

Sobre a juventude, alguns estudos estatísticos apontam um fenômeno ocorrido no Brasil na década de 1990 – a onda jovem - que é descrita como o resultado de uma dinâmica demográfica prévia. Essa onda possibilitou um crescimento excepcional – um *boom* - dos grupos de faixa etária entre 15 e 24 anos (DELLASOPPA, 2003).

Segundo Dellasoppa (2003), nos anos 2000 (ápice da “onda jovem”), o aumento do número de jovens significava também insuficiente acesso aos serviços sociais, baixos índices de educação e qualificação para o trabalho e maior risco de sofrer uma morte violenta. Além disso, mais da metade desses jovens pertencia a famílias com renda familiar inferior ao salário mínimo.

Quanto a esses indicadores, devemos realizar uma leitura atenta para não utilizá-los de forma descuidada, sem discutir as possíveis apropriações. Os dados revelam o quadro de miséria que foi instalado no Brasil desde tempos remotos e a precarização das políticas públicas; mas também podem ser utilizados como justificativa de intervenção para o controle das massas e a criminalização da pobreza. Assim, mecanismos biopolíticos emergiriam como forma de gerir o “problema” que se instalava, tendo em vista o aumento populacional deste segmento.

## 2 Onda jovem e biopolítica

Foucault (1999b) afirma que o biopoder emergiu por volta do século XVIII conjugando práticas disciplinares e práticas de regulação da produção social. A vida passou a ser gerida, objetivada e regrada, junto da fabricação de um corpo útil e dócil. O exercício do poder começou a focar não somente no aprisionamento e disciplinamento dos corpos individualmente, mas também na regulação dos modos de vida, estabelecendo ordens e valores. Enquanto a disciplina incide sobre o indivíduo para formatá-lo em um corpo voltado para a produção, o biopoder direciona-se para a população, para a espécie humana, a fim de regulá-la segundo certos moldes ideais para o funcionamento da ordem social vigente. Trata-se de uma transformação em relação ao exercício do poder soberano, antes destinado a “fazer morrer ou deixar viver” para um “deixar morrer e fazer viver”, ocorrida na transição do século XVIII para o XIX (REIS, 2010).

A biopolítica se constituiu em um momento histórico cuja população emerge como um problema político, econômico, científico e biológico; um problema de poder (FOUCAULT, 1999a), que produziu a necessidade de se instalar uma regularidade por meio de intervenções globais de controle (MACHADO; LAVRADOR, 2010).

As sociedades passaram a se preocupar, enormemente, com a elaboração de estatísticas, dados demográficos, dados epidemiológicos, como uma forma de pensar a gestão da população. Vários campos de saber começam a ser tomados como alvo das políticas de Estado emergindo como temas centrais nas agendas políticas e produções sociais (REIS, 2010).

Por sua vez, a “onda jovem” aparece como um problema para o Estado, pois há um crescimento em níveis populacionais, e esse tenta controlar e gerir os modos de vida dentro de uma lógica hegemônica capitalista. Como Foucault (1999b, p. 132) afirma: “Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo [...]”. Assim, surgem formulações políticas que visam ao controle das massas, e não à afirmação e autonomia dos sujeitos. Daí a importância de questionar os focos das intervenções estatais e a que servem certos preceitos governamentais.

Com relação ao crescimento dos grupos de faixa etária jovem, Novaes (2008, p. 126) afirma que “essa onda é vista no Brasil como um risco: risco de marginalidade, de violência, risco de risco”. Trata-se do crescimento de um grupo que, historicamente, foi forjado como um problema (o que justificaria o controle biopolítico por parte do Estado) e, nesse sentido, muitos enfoques de políticas reforçam exatamente essa face de tutela do jovem.

O exercício do biopoder elege atuações no controle dos riscos, no esquadramento daqueles jovens que nos seus modos de ser e estar no mundo questionam o modo vigente, sem levar em conta processos históricos que resultaram em diversas situações de precarização de suas vidas. Não se intervém na distribuição de renda, na organização dos serviços públicos como os de saúde, lazer, educação, assistência social, dentre outros, tampouco no que produz a criminalidade, a violência e outros efeitos sociais. Deixam-se os jovens indesejados viverem a mercê de seus destinos, reforçados pelo estigma produzido de que estes são delinquentes, revelando uma das faces do fazer viver e deixar morrer, marca da biopolítica.

Dentro de uma tecnologia biopolítica, a atuação na população jovem eleita como “problema”, se faz pela gestão da vida desses indivíduos de acordo com parâmetros universais e estatísticos do que é a norma para se viver. Foucault (1999a) afirma que a biopolítica é exercida por meio de mecanismos reguladores globais, que atuam no sentido da criação de estados globais de equilíbrio, uma espécie de homeostase dos fatores relacionados à vida, uma norma geral de vida. Nesse sentido, faz-se viver um determinado modo de existência em detrimento de outros que podem cair no outro lado da equação do “deixar morrer”.

### 3 Metodologia

Durante os anos de 2013 e 2014, a pesquisa foi realizada seguindo dois momentos em paralelo. Inicialmente, algumas visitas ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Venda Nova do Imigrante foram efetivadas, nas quais dialogou-se com os profissionais e foram acompanhadas algumas atividades que são desenvolvidas. Analisaram-se documentos relativos ao Projovem Adolescente visando à obtenção de dados sobre os jovens que participaram do serviço. Num segundo momento, promoveram-se encontros com os jovens,

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

de maneira individual ou em dupla, para realizar conversas sobre as questões pertinentes a esta pesquisa e para ouvir as indagações formuladas pelos jovens. Também foi feito um levantamento bibliográfico sobre o município de modo a visibilizar os aspectos histórico-culturais envolvidos.

Os documentos analisados foram: formulários de inscrição do Projovem, dados do CADÚnico dos jovens que participaram do serviço, fichas de presença, relatórios e anotações sobre as atividades desenvolvidas.

Elaborou-se um roteiro inicial para as conversas com os jovens, com as seguintes perguntas disparadoras: Como estava a vida? Como vê o Projovem na sua vida? Como procurou aproximação com o Programa? Como foi estar no Projovem? Como essa experiência de participação no Projovem interferiu na vida? Os encontros foram realizados de forma aberta em uma relação dialógica, atenta aos passos para onde caminhavam. Seis jovens que integraram o primeiro coletivo (2010/2011) participaram da pesquisa. Produziram-se discussões coletivas cujos jovens tiveram a oportunidade de falar de suas vidas e do processo de participação em uma política para juventude.

Partiremos das discussões e dos direcionamentos enunciados pelos jovens, estabelecendo novos diálogos com as formulações por eles mencionadas e trazendo linhas de análise que foram levantadas por suas falas.

#### **4 Projovem Adolescente: entre precarização e desarticulação das políticas de emprego, educação e renda**

175

No ano de 2005, houve a criação da Secretaria Nacional de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Essas três entidades foram instituídas por meio da Medida Provisória n. 238, de 01 de fevereiro de 2005, transformada na Lei 11.129, de 30 de junho de 2005 (PROJOVEM URBANO, 2013).

Nosso estudo esteve voltado para uma das modalidades deste programa, o Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo. É um programa que faz parte do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), cujo público-alvo são jovens de 15 a 17 anos. Pelas diretrizes, mostra-se vinculado ao CRAS, dispositivo da Política de Assistência Social direcionado à

prevenção de vulnerabilidades e riscos sociais. Segundo está apresentado no portal da internet do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS:

o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Adolescentes e Jovens de 15 a 17 anos (Projovem Adolescente) tem por foco o fortalecimento da convivência familiar e comunitária, o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema de ensino. Isso é feito por meio do desenvolvimento de atividades que estimulem a convivência social, a participação cidadã e uma formação geral para o mundo do trabalho (BRASIL, 2014, não paginado).

Observam-se objetivos do Projovem relacionados à escolarização e ao mundo do trabalho. Os índices de jovens que abandonam a escola no Brasil, no chamado processo de evasão escolar, são altos. Como estratégia da política de Assistência Social é interessante ressaltar que o Projovem se insere em um terreno relativo à produção da precarização da escola.

Considerando que a idade da maioria dos jovens ao entrar no Projovem de Venda Nova do Imigrante-ES, campo de nossa pesquisa, era de 15 a 17 anos, faixa etária do Ensino Médio, os dados do CRAS desse município revelaram-nos o alto índice de reprovações, já que 68% dos participantes dos coletivos de 2010/2011 e de 2012 estavam matriculados no Ensino Fundamental (4ª a 8ª série) quando começaram a participar das atividades do serviço.

Os índices expressam o processo de produção da evasão escolar, mostrando uma descontinuidade entre as políticas municipais e estaduais de educação. Ao concluir o Ensino Fundamental, a escolarização mínima, os jovens estão sendo “empurrados” para o mercado de trabalho. A continuidade dos estudos esbarra em questões que não são enfrentadas pelas políticas estatais, tais como: transporte gratuito, distância entre escola e local de moradia, sentido da escola para os jovens, precariedade das condições de vida, sucateamento da escola e da vida. Ainda que a deserção via evasão escolar possa expressar uma alta potência instituinte, como apontava Lourau (1993), nos parece que esse processo de evasão está conectada à gestão da miséria necessária, como mencionou Oliveira (2010).

Atentos para não reduzir a problemática a uma questão quantitativa, mas considerando que seja importante expô-la a fim de questionarmos a descontinuidade das políticas de educação, apresentamos alguns dados referentes ao acesso à escola em Venda Nova. Em termos numéricos, há mais escolas de Ensino Fundamental do que de Ensino Médio. São três escolas de Ensino Fundamental administradas pelo município e localizadas no interior (São

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

João de Viçosa, Alto Caxixe e Pindobas) e três escolas estaduais de Ensino Fundamental, situadas na sede do município, totalizando assim seis instituições. Por outro lado, há apenas uma escola estadual de Ensino Médio, localizada na sede do município. Desse modo, ao chegarem ao Ensino Médio, os jovens têm que enfrentar o deslocamento das regiões de origem para a sede do município. A existência de uma única escola pública de Ensino Médio, necessariamente, implica que não há vagas para todos, gerando mecanismos que impulsionam os jovens para a evasão.

A seguir, segue o relato de um jovem que, após o Projovem, abandonou a escola para focar no emprego. Mesmo com tal decisão, o jovem revela vontade de retorno à escola, dizendo querer “batalhar” por algo melhor, haja vista que a saída para o trabalho também é relatada como algo que não surtiu efeito.

É... aí depois do Projovem eu fui trabalhar numa granja de [...] galinhas [...] indo pra Castelo, fiquei lá cinco ou seis meses. Aí depois saí, vim fazer o curso de padeiro [...], depois do curso de padeiro fui trabalhar na padaria [...]. Eu trabalhei na padaria indo pro hospital, na padaria A e também na B. [...] Nesse meio tempo eu saí da escola. Parei na sexta série, depois eu vim pra cá fazer o curso. [...] no meio do ano passado [...] Eu num decidi... assim de rápido. Foi conversando com meu pai, com minha vó, eu conversando com eles, aí eu decidi parar. Mas, [...] eu conversei com ele, ano que vem eu vou voltar a estudar. [...] O motivo foi mais pra trabalhar né, ajudar em casa. Aí eu fui, foi nesse período que eu fui trabalhar na... na granja. Aí de lá depois, depois eu vim fazer o curso. [...] Conversei com eles antes. Aí depois eu saí. [...] tava dando tudo certo, tava até já passando pra outra série. Aí depois, eu conversei com meu pai, conversei com o diretor que é amigo do meu pai na época né? [...] Eles conversaram comigo, aí eu fui e saí [...] Não, vou voltar pra estudar no EJA à noite. [...] Aqui, em Venda Nova mesmo. [...] depois que eu vi que num tava dando muito certo é... ficar assim muito parado eu decidi voltar. [...] Trabalhar e estudar à noite. [...] Conciliar os dois. [...] Eu [...] voltar a estudar pra mim tentar fazer uma faculdade de Direito pra mim estudar, ajudar meu pai, ajudar minha família, lá na frente, poder também ajudar os meus amigos mais novo aí, aconselhar a vim fazer o Projovem. Porque tem muito é... colega meu de 12, 13 anos. Queria ajudar eles também (entrevistado 3).

É necessário indagarmos o que essa grande evasão de jovens pode expressar. Muitos jovens relatam querer abandonar os estudos para trabalhar, e sabe-se que as oportunidades de emprego geradas são relativas ao trabalho com vínculos informais, precários, sem carteira assinada, “bicos”, e com salários baixos. Outro dado é o de que as práticas escolares de rotulação como aluno-problema ou com problema de aprendizagem dirigem-se cada vez mais a esses jovens que não conseguem “avançar”. Esse “sair da escola” também pode nos dizer mais sobre as resistências às práticas educacionais institucionalizadas, a um modo escolar que

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

não se mostra atrativo e que, historicamente, tem reproduzido práticas de culpabilização dos indivíduos das camadas mais pobres.

No relato descrito, as condições de vida que fizeram o jovem sair da escola se somam a uma precarização crescente nos vínculos de trabalho oferecidos a esse público, sem a garantia de direitos trabalhistas, com baixos salários e em trabalhos pesados, exaustivos, como na granja, que não resolvem os determinantes que o impulsionaram a buscar tais empregos informais. Longe de dizer o que é ideal, e mesmo que os trabalhos precários pareçam ser vistos como única escolha, a vida pode sair dessa definição prévia e traçar outras possibilidades, sonhos e realidades.

Na conversa, o jovem diz que pensava em retornar aos estudos e também falava em cursar uma faculdade. Porém, é importante pontuar que os mesmos componentes que impulsionaram o jovem a sair da escola são os que comparecem no seu retorno em busca de uma graduação. Está em jogo uma relação presente na produção de subjetividade capitalística em que se coloca esses jovens como salvadores das condições socioeconômicas de suas famílias. Individualiza-se a situação como se diante de um esforço pessoal fosse possível mudar toda uma série de desigualdades que foram produzidas historicamente. E, assim, naturaliza-se o não investimento em políticas públicas, a oferta de somente trabalhos precários sem uma política de geração de emprego e renda decente, e a própria escola que reforça o mito da ascensão social somente pela formação escolar e esforço individual. Deve-se considerar, também, que as oportunidades de acesso às universidades são restritas devido a uma política ainda elitista em que, historicamente, teve acesso prioritário a essas vagas uma pequena parcela da população. Nesse sentido, hoje se conta com uma política de cotas sociais e étnico-raciais, porém se esbarra no baixo número de oferta de vagas públicas nas universidades brasileiras.

O Projovem se insere nessa discussão do trabalho, porém a desarticulação entre as variadas políticas setoriais e a não intervenção do Estado nos mecanismos de mercado de oferta de emprego perpetuam concepções meritocráticas para o acesso. Cabe-nos apontar, também, a reprodução do mito de que pelo acesso a um emprego se conseguiria a salvação para as condições de vida que foram construídas e naturalizadas para a pobreza. Questões como os postos precarizados de trabalho, as desigualdades sociais (que são efeito do modo de produção capitalista), a não oferta de empregos dignos, dentre outras, passam longe de tal discurso.

## 5 Venda Nova do Imigrante: atravessamentos histórico-culturais

O município de Venda Nova do Imigrante está localizado na região serrana do estado do ES, a 103 km da capital Vitória, ligado pela BR-262. Com relação à formação administrativa, Venda Nova foi instituído como distrito em 1963, sendo pertencente ao município de Conceição do Castelo. Em 10 de maio de 1988, é realizada a emancipação política, desmembrando-se de Conceição do Castelo e surgindo, assim, o município de Venda Nova do Imigrante (ex-Venda Nova). No que tange aos aspectos culturais e tradicionais, é um município em que se dá grande visibilidade à descendência dos imigrantes italianos que colonizaram a região a partir do século XIX. E quanto às pesquisas sobre a história do município de Venda Nova do Imigrante, também é central a figura da construção da cidade pelos italianos.

Os jovens que participaram do Projovem Adolescente do município são moradores de toda extensão de Venda Nova, porém com maior proveniência de algumas regiões. Há uma certa distribuição geográfica predominante de público das atividades do CRAS que vai se constituindo e isso não se deve a aleatoriedade, mas sim a aspectos históricos, políticos, culturais e econômicos do local que fizeram com que se configurasse no município regiões com maior predominância de moradores de baixa renda.

A maioria dos jovens (50% no primeiro coletivo 2010/2011 e 67% no segundo coletivo do Projovem de 2012) morava na região referente ao Camargo, São João, Viçosinha e Bicuíba. A localidade de onde mais participantes eram provenientes foi a do Camargo (42% em 2010/2011 e 33% em 2012 do total de participantes). Há um decréscimo de participação de jovens da sede (31% para 10% dos participantes no segundo coletivo), apesar da maior proximidade do local de instalação do CRAS (em 2010 até metade de 2011 era localizado na Esplanada, e a partir daí se inaugurou a nova sede em Vila da Mata, bairros da sede de Venda Nova). E com relação à região de Alto Caxixe, Alto Providência e Alto Viçosa, essas localidades constituem a segunda região de maior participação, ocorrendo um crescimento no número de participantes do Programa (15% em 2010/2011 e 24% em 2012).

Não é a proximidade do local das atividades que tem definido o público do Projovem Adolescente: 69% e 90% dos jovens do primeiro e do segundo coletivo, respectivamente, são

oriundos de regiões mais afastadas da sede do CRAS. Também não é o condicionante de que os jovens do Projovem Adolescente sejam beneficiários do Bolsa Família, pois há muitas famílias na sede que recebem o benefício.

Camargo, São João e outras localidades próximas, e Alto Caxixe e região, de onde veio a maioria dos jovens, são mais afastadas da sede. Historicamente, esses locais foram se configurando como regiões onde a população vive com dificuldades das mais diversas ordens: maior disparidade de distribuição de renda (muitos dos usuários do Bolsa Família em Venda Nova são provenientes dessas regiões) e menor investimento por parte do governo local. Em contrapartida, houve por parte dos jovens dessas regiões maior “adesão”. Isso pode estar associado à baixa oferta de serviços nesses ou para esses locais, e também o fato desses jovens conseguirem, por meio do Projovem Adolescente, deslocar-se pela cidade, saindo de um possível isolamento sociogeográfico, devido à dificuldade instalada para o acesso ao direito de ir e vir das camadas empobrecidas.

As conversas com os jovens e o contato com a população mostram que o município tem recebido muitas famílias advindas de outras regiões. Inclusive, entre os que participaram do Projovem Adolescente entre os anos de 2010 e 2012, há uma ligeira maioria de jovens nascidos em outros municípios do estado do Espírito Santo e alguns nascidos no estado do Rio de Janeiro. Convém ressaltar que o município tem características que demonstram um embate com as pessoas provenientes de outras regiões, que é um fechamento histórico na comunidade de origem italiana.

As histórias contadas são vetores importantes nos processos de produção de subjetividade. Ao se contar a história que é dada maior visibilidade, ressaltamos que esta produz/inventa uma “certa” Venda Nova, não à toa, aquela em que se destacam os imigrantes italianos; brancos europeus. Existem outras inúmeras histórias, mas que são invisibilizadas ao se destacar certos marcos de ocupação e deixar tantos outros à margem.

Segundo os dados sobre a história do município, no site da Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante (~~VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2017~~): “Venda Nova começou a ser colonizada por volta de 1892, basicamente por imigrantes italianos, cuja cultura permanece viva em seus descendentes e na vida da comunidade vendanovense”.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

É importante explicitar os dados com relação à autodeclaração de cor ou etnia no Censo 2010, a população local se autodenomina: branca (61,90%), preta (4,86%), parda (32,49%), amarela (0,59%) e indígena (0,16%).

Realizando o recorte de jovens que futuramente possa participar do Projovem Adolescente, 10 a 14 anos, a distribuição de cor ou etnia no Censo é: branca (56,21%), preta (3,73%), parda (39,41%), amarela (0,65%) e indígena (0%).

No recorte dos que se enquadram na faixa etária de participantes do serviço, 15 a 19 anos, **têm-se os seguintes dados:** branca (58,32%), preta (3,63%), parda (37,07%), amarela (0,81%) e indígena (0,16%).

Porém, ao realizar o recorte de cor ou etnia dos jovens que participaram do Projovem Adolescente de Venda Nova, os dados são completamente diferentes. Verificamos que os jovens que participaram do Projovem Adolescente diferem, percentualmente, daquele referente à totalidade dos jovens da região exposta pelo IBGE. Os dados de jovens de cor preta saltam de apenas 3,63 para 30%, ao mesmo tempo em que a de cor branca decai de 58,32% para 34%. Enquanto a soma de jovens com cor preta e parda é inferior (40,7%) a de branca (58,32%), nos dados do município do IBGE, no Projovem Adolescente, se inverte - cor parda mais preta (60%) e branca (34%).

Novamente, alertamos para um público que vai se constituindo: maioria de algumas regiões da cidade, pobre, de predominância de cor preta e parda, advindos de outras regiões. Aquele mesmo público que, historicamente, sofreu com práticas de preconceito, que tiveram menores oportunidades e que moram em regiões com menor infraestrutura e investimento em políticas públicas do município. Não é uma distribuição aleatória.

A maioria do público do Projovem Adolescente em Venda Nova também não é de descendência italiana. Justamente um público ao qual não é dada grande visibilidade na maioria das fontes históricas encontradas e que sofre com mecanismos sociais discriminatórios.

Cabe também pontuar o discurso de que Venda Nova não possuía pobres. Tal discurso fomentou por grande tempo o não investimento em políticas de assistência social, refletindo na tardia inauguração de um CRAS, apenas em 2010, um dos últimos a serem implantados no Estado. Basta circular pelo município e conhecer os seus diferentes espaços para contrapor tal discurso. Alguns motivos expostos eram de que Venda Nova gostava de esconder os seus

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

problemas, mas tal discurso também deve ter produzido uma invisibilidade cada vez maior das camadas mais empobrecidas do local.

Zandonadi (1992, p. 84) confirma tal fato ao debater sobre o progresso que Venda Nova alcançou, e nos faz pensar como esse discurso oficial foi fomentado no decorrer da histórica local, inclusive como a fala que fazia destacar o município em relação aos outros:

Naquela época, a população era pouco mais de 1000 habitantes, dos quais 35% estavam em colégios de formação de boa cultura e continuavam suas atividades no campo e, mais tarde, no comércio, na indústria, no setor social ou político, sendo que alguns até fundaram empresas. E foi através desse processo positivo e eficiente que o pequeno e novo município de Venda Nova do Imigrante se emancipou tão diferenciadamente de outros no Estado, destacando sua divisão em pequenas propriedades bem conduzidas, sua cultura, renda *per capita* homogênea e a ausência de pobreza e de pessoas passando fome (ZANDONADI, 1992, p. 84).

O discurso da não existência de pobreza é um “dar as costas” a uma grande parte da população que hoje é público-alvo de atividades da política de assistência local, como o CRAS e o Projovem Adolescente, no qual quase todos os jovens que participaram pertencem às camadas empobrecidas, sendo usuários do Bolsa Família.

Jovens com quem conversamos que moram no Camargo vivem na pele esse processo de invisibilização e o denunciam:

Eu também vejo um pouco assim, é... [...] questão que eles não dão muita assistência também não... a Prefeitura vamos dizer assim. Eles deixam muito a desejar... o Camargo é como se não fizesse parte de Venda Nova. Entendeu? Eles não liga muito pra lá não. [...] Num tô falando que são as pessoas, quero dizer também a parte da [...] prefeitura [...]. Não dão muita assistência não. Eles poderiam fazer mais. Vamos dizer assim... [...] às vezes eles fazem alguma coisa pra dizer que faz, mas não é o suficiente, o que realmente a comunidade precisa. [...] Entende? [...] Na minha opinião, eles não deviam fazer nem o que é preciso, mas o que é necessário. Por exemplo, lá tem uma necessidade de fazer um [...] asfaltamento perto da creche porque, devido à poeira, entendeu? E é há anos isso. Aí, as crianças têm algumas tem é alérgica a poeira porque é demais. Desce aqueles caminhão de pedra, então eu acho que eles tinha que ver isso. Calçar, [...] num precisa ser calçado não, asfaltado mesmo, num tem? Alguma coisa assim que eles visse que é necessário pra comunidade. Só que não eles deixa a desejar [...] (Entrevistada 4).

As conversas apontam para mecanismos biopolíticos. Falam da região de Venda Nova, onde muitos jovens que participaram do Projovem moravam e que sofrem com histórico de estigmas, preconceitos, precarização dos serviços públicos e infraestrutura. “Julgar e virar as costas”, “Ficam tampando os olhos”, “é como se não fizesse parte de Venda Nova”, “Eles não

liga muito pra lá não” revelam o fazer viver e deixar morrer. A população ali vive sem o que os jovens chamam de assistência da prefeitura, do Estado, que faz uma administração que, literalmente, os tem como invisíveis, sem investimento nem no que seria um mínimo como um asfaltamento no bairro, ou perto da creche. Faz-se uma gestão da pobreza realizando algumas ações descontínuas ou pontuais que não resultam em transformações na realidade vivida, perpetuando a situação. Fomenta-se o discurso da não existência da pobreza, dando as costas a esta, como se as regiões empobrecidas não fizessem parte de Venda Nova. Como falam os jovens “não fazem nem o que é necessário o que dirá o que é preciso”.

## 6 Mecanismos biopolíticos em ação no Projovem Adolescente

Algumas conversas com os jovens sinalizam para uma interferência do Projovem à adequação a “regras de comportamento”. Como se comportar no meio social, no trabalho, como se vestir, como conversar... Uma série de padronizações que podem carregar aprisionamento existencial em que qualquer modo de se relacionar, vestir, trabalhar que difira de tais regras seja um ponto fora da “curva normal”:

[...] eu aprendi a me [...] comportar no meio dos outros, a me comportar no serviço, mais assim, teve várias palestras assim, no trabalho... de unha e tal coisa... maquiagem, cabelo e tal, a gente aprendeu a fazer um pouquinho né [...] pra tá vivendo a nossa vida, eu falo assim, muito impacto na minha vida, o jeito de falar com as pessoas, ignorância e falar... ensinaram bastante a gente assim a conversar com pessoas, a tratar com a pessoas do jeito que elas são, não tá abusando das pessoas, assim, sempre tentando compreender, conversando com as pessoas [...] Mais que tão começando a vida de adolescente agora né, aprender a se comportar no meio de todo mundo, assim, acho legal. Veio de lá! [...] eu falo a verdade, meu pai me deu bastante respeito, bastante postura, e meus amigos também, [...] mas, a maioria veio lá do CRAS porque eu... falar a verdade era muito criança mesmo, a minha postura, amaduração de pra hoje veio de lá do curso [...] eu acho assim que eu tirei bastante coisa lá e minha postura mudou bastante depois que eu entrei lá! [...] Dentro de casa primeiramente. Assim, no local, convivendo com a sociedade, na escola, eu converso, eu era mais quieta, era mais calada, eu acho que eu soltei mais da conta né! [...]. Pouquinho da conta mais! eu me soltei bastante! Aí assim, eu acho que eu peguei bastante conhecimento lá! [...] Foi de lá! [...] Ah, educação, as palestras que a gente teve né! [...] como se comportar no trabalho... já é uma diferença... a roupa pra você, adequada pra você ir ao trabalho, tem gente que vai quase pelado pro serviço, dependendo do serviço e tal vai pelado... eu acho assim, a pessoa tem que [...] tá na casa de família, tá num local público, cê tem que ir numa roupa mais adequada, mais discreta. Eu acho que, assim, cada um tem o seu, tem que ter um toque né, na visão, no seu visual... e também a higiene né, higiene ajudou bastante a gente [...] Ajudou, falou sobre higiene, como lavar as mãos, tirar as

sujeiras das unhas e tal, [...]. assim, uma higiene é sempre bom, um visual novo... ah, assim, logo a pessoa olha, olha assim sua higiene, sua roupa tá limpa, tá lavadinha e tal... a higiene da pessoa é importante (Entrevistada 2).

As sociedades capitalísticas são marcadas por regras que têm como balizamento uma vida burguesa: um jeito correto de ser e estar no mercado de trabalho, na convivência social, nos modos de vestir, no falar, na aparência. Uma produção de indivíduos serializados de acordo com uma ótica elitista, estabelecendo uma comparação hierárquica entre as vidas: aqueles que se enquadram ou não em tais parâmetros. Daí, trazemos Foucault (1999b) que afirma que o biopoder produz uma distribuição das vidas em termos de valor e utilidade, qualificando, medindo, avaliando e hierarquizando.

Atenta-se, também, para uma definição de que as camadas mais empobrecidas seriam mal educadas, não saberiam falar, não seriam “limpas”. Tal concepção instalaria mecanismos de atuação junto a tal público de forma a sanar tais vícios da dita “natureza” da pobreza. Dessa forma, instalar-se-iam mecanismos para ensinar a esses como se portar, se comunicar e se tornarem mais asseados, como se fosse uma forma de prevenir e consertar tais condutas “errantes”.

É importante expor que trazer as discussões sobre as variadas temáticas como trabalho, construir regras de convivência no Projovem em si, não necessariamente seriam apenas da ordem do controle dos jovens. O modo como as linhas estão tecendo tal política é que teria um predomínio de relações de controle e/ou de liberdade. Trazer à tona discussões em que os jovens possam se posicionar, discutir, refletir, traçar desvios no que se refere às suas relações com o mundo, afirmando os exercícios de autonomia, falariam de uma ética nas relações humanas e de uma avaliação cujas singularidades teriam caminho de modo a desmontar modos de controle. Porém, atenta-se para práticas que, pelo contrário, estariam produzindo um aprisionamento dos jovens e seus movimentos de vida que questionam a ordem vigente.

## 7 A juventude que escapa

Ao falar sobre como se aproximaram do Projovem Adolescente, um processo de apropriação do espaço que teve efeito direto na participação dos jovens no serviço foi o modo como realizavam uma rede de amizades. Estabeleceram vínculos no grupo e chamavam mais amigos por iniciativa própria, e por meio de tal prática disseminavam a informação sobre o que era o Projovem Adolescente, como o avaliavam e o que encontrariam ao participar:

Lembro, eu entrei com mais duas amigas né, [...] Nós entramos porque ouvimos falar né... uma amiga nossa a G., ela já tava fazendo o projeto, comentou com a gente que era muito bacana, um projeto muito legal e a gente se interessou, demos o nome e começamos a participar também junto com ela. [...] É, ela comentou com a gente, e a gente se interessou também. [...] Na escola... [...] Logo no início a gente já gostou assim, logo de cara né, tinham pessoas muito bacanas, simples, igual nós, né, mas que eram bacanas, nos damos super bem com todo mundo... [...] Foi né... mesmo por questão de... da amiga falar né, porque se não fosse ela eu também não saberia do Projovem. [...] O CRAS eu já ouvi falar né, mas o Projovem conheci por ela. [...] Ah, eu achei uma coisa bacana da parte dela. Porque, como ela havia gostado, ela chamou a gente pra tá participando, que nós éramos mais próximos a ela né. Ela fez amizades aqui sim, logo de cara também, como nós, mas só que como éramos muito unidas, ela achou legal tá chamando a gente para participar né, e acabou que a gente adorou o Projovem também (Entrevistada 1).

Os jovens começaram a convidar amigos que conheciam de outros espaços como o bairro e escola, “espalhando” a informação sobre o que os atraía, o que aprendiam, as oficinas, as visitas que realizavam, o lanche e, por meio desse movimento, questionavam a própria definição do MDS de que o Projovem era para participantes entre 15 e 17 anos. Afirmavam o direito dos jovens participarem.

A apropriação do espaço pelo jovem, a rede de amizades que construíram, a relação com os profissionais e o modo de organização dos coletivos foram fatores importantes para uma grande adesão dos jovens.

Por meio da participação no Projovem, há uma circulação de jovens de várias partes do município pela cidade em espaços que anteriormente não tinham acesso, principalmente daqueles que moravam no interior do município. O CRAS localizava-se no bairro Esplanada até 2011, e a partir daí mudou-se para Vila da Mata, bairros da sede de Venda Nova. Tal fato promoveu a circulação de jovens pela cidade, lembrando que, anteriormente, estavam no seu dia a dia, principalmente, no circuito casa-escola.

Novas configurações e novos contatos se fizeram a partir da participação no Projovem. Um certo desvio nas relações instituídas que promovem o isolamento das famílias das regiões

mais empobrecidas. O deslocamento desses jovens até o CRAS promoveu uma mudança nessa dinâmica, deslocamentos, incômodos nas relações instituídas que produziram o “aprisionamento” geográfico de muitas famílias do município.

Aqui colocamos em análise as políticas para juventude que têm como pano de fundo o “retirar da rua”. Tal premissa pode carregar a concepção de que se os jovens estão na rua porque não têm ocupação, estão mais suscetíveis a se envolverem em conflitos com a lei, reforçando, assim, a relação pobreza-vulnerabilidade-risco. Nessa discussão, pontuamos o direito de ir e vir como uma provocação para afirmar que não se trata de retirar os jovens da rua porque esses podem ser futuros desviantes, mas, sim, de afirmar o direito de ocupar as ruas, os espaços da cidade. Ocupação, esta, negada com o decorrer da história e a constituição de desigualdades sociais que produzem uma separação geossocial entre local de pobreza e local em que as camadas mais abastadas da população poderiam circular.

## 8 Considerações finais

As conversas com os jovens apontam para o fio da navalha das políticas públicas voltadas para os jovens, entre um controle biopolítico e a apropriação desse espaço pela juventude, e afirmando-se nele.

Estabelecer normas moralizantes de condutas reforçando relações de hierarquização das vidas, nas quais os modos de vida das camadas mais pobres são errantes e precisam ser sanadas, reforçam as redes de tutela, colocando-se uma moralização da vida seguindo preceitos burgueses capitalistas.

Por outro lado, promover a circulação dos jovens nas ruas, a expansão da vida, o incômodo às relações instituídas é traçar um deslocamento para a afirmação de um direito. Nesse sentido, ressalta-se que os jovens, por meio do Projovem em Venda Nova, o utilizam também como meio de escapes a produções hegemônicas de controle, saindo de um isolamento histórico-cultural relegado às camadas empobrecidas da localidade. São as buscas de exercício de autonomia em meio a um jogo de biopoder. Dessa forma, deve-se ficar atento às faces duras em que o Projovem se insere e produz, reafirmando as faces produtoras de escapes, de modo a efetivar os direitos da juventude. É a luta que defendemos.

## Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Projovem Adolescente**. 2014. Disponível em: <[www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/projovem](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/projovem)>. Acesso em: 27 jul. 2014.

DELLASOPPA, Emilio Enrique. Funk Rio: lazer, música, galeras, violência e a socialização da “onda jovem”. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Orgs.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

LOURAU, René. **René Lourau na UERJ: análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1993.

MACHADO, Leila Domingues; LAVRADOR, Maria Cristina Campello. As políticas que incidem sobre a vida. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, ano 10, nº1, 2010.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. Em: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.) - **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

OLIVEIRA, Clever Manolo Coimbra de. **Atenção Básica na Assistência Social: entre miséria necessária, artes de governar e redes de solidariedade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo/ UFES, Vitória, 2010.

PROJOVEM URBANO. **O Programa** – histórico. 2013. Disponível em: <[www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=12](http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=12)>. Acesso em: 22 jan. 2013.

REIS, Cleilson Teobaldo dos. **Velhice como intervenção nos modos de vida**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória, 2010.

VENDA NOVA DO IMIGRANTE. Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante. **Histórico**. 2017. Disponível em: <[vendanova.es.gov.br/website/site/Historico.aspx](http://vendanova.es.gov.br/website/site/Historico.aspx)>. Acesso em: 29 agosto 2017.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova do Imigrante**: 100 anos da colonização italiana no sul do Espírito Santo. Belo Horizonte: Fundação Mariana Resende Costa, 1992.